

## ENTEXTUALIZAÇÃO, INDEXICALIDADE E A PRODUÇÃO DISCURSIVA DO CUIDADO À SAÚDE SEXUAL LGBTI+ NO INTERIOR DA AMAZÔNIA ORIENTAL<sup>1</sup>

### ENTEXTUALIZATION, INDEXICALITY AND DISCURSIVE PRODUCTION OF SEXUAL HEALTH CARE IN THE EASTERN AMAZON

José Sena<sup>2</sup>

**Resumo:** Dedicada a investigação sobre como práticas discursivas têm sido determinantes na produção do mundo social do cuidado à saúde sexual de jovens LGBTI+ no interior da Amazônia Oriental, a presente pesquisa tem dado atenção à diferentes processos de entextualização e indexicalidade implicados na comunicação da prevenção no âmbito das Infecções Sexualmente Transmissíveis. A pesquisa de caráter autoetnográfico, é orientada pela perspectiva Indisciplinar da Linguística Aplicada, e investe no exame de narrativas as quais nos ajudam a visibilizar demandas emergentes nas práticas de cuidado à saúde da juventude LGBTI+ contemporaneamente.

**Palavras-chave:** Discursos. LGBTI+. IST. Saúde Sexual. Amazônia.

**Abstract:** The present study aims at investigating the centrality of discursive practices in the production of the sexual healthcare of LGBTQI+ youth in the Brazilian Amazon vis-à-vis different processes of entextualization and indexicality implicated in the communication of information relative to the prevention of Sexually Transmitted Illnesses. This autoethnographic research is oriented by what is known as an Indisciplinary approach to Applied Linguistics in Brazil and as Sociolinguistics or Linguistic Anthropology in the rest of the world, and focuses on the analysis of narratives which help us make sense of contingent demands in the healthcare practices of the LGBTQI+ youth investigated.

**Key-words:** Discourses. LGBTIQ+. STI. Sexual Health. Amazon.

#### Introdução

A compreensão de que a linguagem é determinante na produção de nossos mundos sociais tem sido fundamental nos modos como diferentes pesquisas têm sido desenvolvidas no campo dos estudos linguísticos e sociais, em especial, no campo aplicado. Na visada performativa (AUSTIN, 1962[1990]; BUTLER, 2003[1990]; MOITA LOPES, 2006/2016; BORBA, 2014; PINTO; 2015, dentre outros) a linguagem passa a ser compreendida como prática social, tornando evidente seu caráter de ação, em

<sup>1</sup> Texto apresentado preliminarmente em uma sessão coordenada no congresso INTIMATE: Queering Friendship | citizenship, care and choice, em outubro de 2018, em Lisboa, Portugal.

<sup>2</sup> José Sena é doutorando em Linguística Aplicada pela UFRJ e pesquisador Visitante do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. A pesquisa é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: [senaufRJ@gmail.com](mailto:senaufRJ@gmail.com)

que ‘o dizer’, para além da construção de significados, produz o mundo social no qual se insere.

Tomando tal compreensão como carro chefe do debate que trago no presente texto, tenho me engajado numa pesquisa autoetnografica (SANTOS E BIANCALANA, 2017; SENA FILHO, 2018) que busca problematizar a produção do mundo social do cuidado à saúde sexual de jovens LGBTI+<sup>3</sup> no interior da Amazonia Oriental<sup>4</sup>. Atento às práticas discursivas que emergem em contextos de festas, *after party* e em convivências domésticas, a pesquisa tem aprofundado o debate sobre a circulação de discursos sobre cuidado à saúde sexual, os quais são reveladores e produtores de condições de sofrimento humano, assim como, de práticas de resistência no âmbito da prevenção às infecções sexualmente transmissíveis<sup>5</sup> (IST, doravante).

Discursos emergentes em diferentes experiências no território em foco, ocorridas ao longo dos anos 2016, 2017 e 2018, apontam para a produção de significados problemáticos e de silenciamentos no âmbito da prevenção e do cuidado à saúde sexual. A partilha de experiências reunidas em notas campo (EMERSON; FRETZ E SHAW, 1995) foram evidenciando importantes noções orientadoras desse mundo social, as quais são determinantes na constituição desses sujeitos do cuidado à saúde sexual.

A disputa por significados válidos sobre essa conjuntura têm sido engendrada no jogo das relações de poder entre discursos biomédicos, farmacêuticos, governamentais, religiosos, midiáticos etc. os quais ressoam nos discursos cotidianos, que projetam respostas a tais disputas, ora sendo capturadas ora subvertendo entendimentos esperados (FOUCAULT, 2004; SENA, 2016; 2017; SENA FILHO, 2018).

O medo de revelarem suas sexualidades em casa ou fora de meios específicos, a insegurança em conversar sobre suas práticas sexuais, a ausência de uma educação sexual nas escolas, a carência de políticas públicas atentas às práticas sexuais dissidentes e, sobretudo, a falta de escuta desses jovens pela família e pelo estado parecem ser a grande produtora de sofrimento e vulnerabilidade entre esses sujeitos (SENA, 2017; SENA FILHO, 2018; PAIVA, 2006; 2015). Essa compreensão ratifica o entendimento de que a heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2003[1990]) figura entre os principais

<sup>3</sup> LGBTI+ conforme proposto em 2018 pela Aliança Nacional LGBTI e pela GayLatino.

<sup>4</sup> A Amazônia Oriental é territorializada pelos estados do Pará, Amapá, norte do Mato Grosso, norte do Tocantins e noroeste do Maranhão.

<sup>5</sup> IST em substituição a DST, conforme Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst> Acesso em: 15.05.2018.

obstáculos para a atenção às populações dissidentes e suas necessidades básicas no âmbito da prevenção às IST/aids e de cuidado à saúde sexual de modo mais amplo.

A produção desse mundo social se torna mais evidente quando levamos em consideração aspectos do território em foco na Amazônia Oriental. Localizada no estado do Pará, a microregião bragantina<sup>6</sup> onde a pesquisa é desenvolvida tem um considerável fluxo turístico e de estudantes devido a presença de importantes campi de Universidades e Institutos Federais e Estaduais que atendem à demanda educacional local dos 13 municípios da microregião. Sua base econômica está pautada na pesca artesanal/industrial, grande atividade pecuária, agricultura e na coleta/catação de caranguejos nos manguezais. Possui, ainda, uma presença intensa da igreja católica e evangélica, sediando importantes eventos culturais e religiosos da região. É nesse cenário brevemente descrito que uma expressiva população jovem inicia e/ou constitui suas experiências de gênero e sexualidades (SENA FILHO, 2018).

Imerso em demandas desse território, o presente texto busca tecer algumas reflexões pontuais sobre a constituição da conjuntura atual das práticas de cuidado à saúde no âmbito das IST/aids, com base nas experiências vividas em relatos e práticas sexuais de jovens LGBTI+. A proposta é trazer alguns apontamentos sobre como processos de entextualização (BAUMAN E BRIGGS, 1990; BLOMMAERT, 2005; 2010) e indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003. WORTHAM, 2001) gerados localmente “produzem relações históricas, culturais e identitárias que são translocais” (GUIMARÃES E LOPES, 2017, p.14). Para dar conta desse investimento em terreno tão delicado, como o das práticas sexuais, é que me posiciono a partir da perspectiva Indisciplinar da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006/2016), a qual recobre uma diversidade de apostas teóricas e analíticas que têm lidado com as relações entre linguagem e vida social.

### **Um investimento (auto)etnográfico**

Um dos princípios valiosos defendidos pela produção indisciplinar de conhecimento no campo da linguagem, certamente é seu caráter político o qual nos convida a “intervir na ou falar à prática social” (MOITA LOPES, 2006, p.23). Orientados por esse princípio, têm-se ampliado os modos de produção de conhecimento nos estudos

---

<sup>6</sup> Embora detenha atenção a um contexto em particular, não posso desconsiderar o fluxo de jovens na região e as semelhanças socioculturais que contornam a microregião em enfoque. Sobre os municípios que a compõe, ver: <https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-bragantina.html> Acesso em: 10.06.2018

linguísticos. Dentre uma diversidade de investimentos teóricos e analíticos previstos nessa visada indisciplinar, o caráter performativo da linguagem, determinante na produção das subjetividades, dos corpos e mundos sociais, certamente ocupa lugar central e tem motivado pesquisas desafiadoras e que nos interpelam em nossas práticas vividas.

No início do século XX, Mikhail Bakhtin já argumentava sobre o “meu não álibi no existir” (1920[2010], p.99) nos impondo o reconhecimento de uma obrigatoriedade singularidade, a qual nos interroga e nos conduz a nos comprometermos em nossas atitudes e escolhas, sermos responsáveis nas nossas ações respondentes. Nesse sentido, meu próprio modo de narrar e constituir o presente debate busca, numa estética encarnada de minhas experiências convividas no campo, firmar meu posicionamento responsável ao produzir um trabalho etnográfico de dentro de um mundo social do qual já fazia parte, o que vai ao encontro da reflexão de Peirano:

a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos (PEIRANO, 2014, p.379).

Assim, tenho me empenhado, desde 2016, na convivência, observação, produção e registro (em notas de campo ou gravados em áudio) de relatos provenientes de conversas e experiências sexuais compartilhadas com diferentes sujeitos LGBTI+ no interior da Amazônia Oriental. No presente artigo, recorro a diferentes relatos e entrevistas com seis sujeitos, na faixa etária entre 18 e 35 anos, dos 12 envolvidos diretamente na investigação até o momento<sup>7</sup>. Os dados gerados com base nessa imersão (auto)etnográfica tem sido estratégicos na produção de sentidos sobre a emergência da conjuntura atual do cuidado à saúde sexual no âmbito das IST no território estudado.

Ao compreender que tais práticas extrapolam as dimensões médico-hospitalares, percorro diferentes tempos-espacos no território em foco, e invisto etnograficamente, desse modo, nas experiências convividas e compartilhadas, entre sujeitos de sexualidades dissidentes, as quais podem contribuir substancialmente para uma nova aposta política sobre a compreensão e modos de produção do cuidado à saúde sexual.

<sup>7</sup> Os sujeitos envolvidos na pesquisa autorizaram o uso de seus relatos e entrevistas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Reconhecer as percepções e capacidades humanas alternativas que brotam da abjeção também nos obriga a investigar como elas podem ser parte inseparável dos esforços necessários para redirecionar políticas de assistência. Assim a necessidade de uma textura subjetiva também levanta questões antropológicas mais amplas sobre o potencial inigualável da etnografia para trazer a vida privada da mente para as conversas sobre a saúde pública e a política. (BIEHL, 2011, p.274)

Nesse sentido, este estudo considera que a compreensão de conviver com Infecções Sexualmente Transmissíveis é uma realidade de toda a população de um dado território, independente da condição diagnóstica dos sujeitos. Aqui o contágio é sempre possibilidade, e vencer as barreiras da moralidade sobre os corpos e experiências de prazer sexual, convocam os sujeitos ao cuidado de si (FOUCAULT, 2004), o que consequentemente tem efeitos sobre a saúde coletiva.

Uma autoetnografia é um modo de produção de conhecimento que envolve dimensões e afetações do pesquisador que é também sujeito da pesquisa, sem com isso, “reduzir” a experiência etnográfica ao relato autobiográfico. Há na autoetnografia um engajamento reflexivo sobre entendimentos, sensações e afetações da experiência do pesquisador no campo que ampliam e enriquecem a investigação etnográfica. Conforme reforçam Santos e Biancalana (2017, p.86), a autoetnografia “pode ser considerada informadora quando dados e textos autoetnográficos são usados como fonte de informação tão relevante quanto as oriundas de outras fontes, como livros, revistas etc.”.

Essa compreensão vai ao encontro do que tenho argumentado ao me debruçar reflexivamente sobre minha experiência em curso no campo:

eu não apenas “interpretava” e “descrevia” aquelas experiências como quem se localiza relativamente “à parte” das situações, “por meio da observação sistemática e detalhada de ações e falas” (Pope e Mays, 2009, p. 50), mas conjuntamente eu estava vivendo aquelas experiências, o que passou a exigir de mim um intenso exercício de reflexividade metapragmática (Pinto, 2015), com consequências sobre a produção das narrativas que tenho constituído com base nas notas de campo (SENA FILHO, 2018, p.110-111).

É desse modo que com o corpo e uma erótica<sup>8</sup> tenho buscado ao longo da investigação refletir sobre como temos resistido a violência simbólica e material que nos desassiste enquanto população dissidente e sujeitos do cuidado à saúde sexual na Amazônia. A emergência da conjuntura atual é demanda desse processo que se solidifica

---

<sup>8</sup> A erótica como dimensão do desejo, embora não aprofundada neste texto, configura-se como um aspecto relevante na construção da pesquisa, tendo em vista eu ser um homem gay que se relaciona apenas com homens.

nos modos de vida com base numa série de entendimentos e significados produzidos nas experiências entre práticas sexuais convividas ou discursivamente partilhadas.

### **Produzindo mundos sociais: entextualização e indexicalidade**

Mais de trinta anos se passaram desde que o agente etiológico da aids, o Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV, foi identificado e descrito pelo discurso biomédico. Concorrente ao efeito biológico do vírus sobre as vidas humanas, um processo complexo de produção e circulação de sentidos se espalhou e se espalhou no ambiente sociocultural da contemporaneidade.

No contexto brasileiro, o combate à epidemia e a propagação de sentidos sobre o HIV/aids contou tanto com a esfera governamental, por meio dos programas nacional, estaduais e municipais, quanto com a esfera não governamental, por intermédio de ONGs, das Igrejas e da imprensa, sendo determinante sobre como certos entendimentos eram repetidos e naturalizados nas vidas das pessoas (TEODURESCO E TEIXEIRA, 2015). Além disso, com o avanço do neoliberalismo, a década de 1990 viu florescer uma indústria farmacêutica que atravessou uma série de disputas políticas com impactos diretos sobre a realidade HIV/aids (CORRÊA E CASSIER, 2010).

Nesta quarta década de existência do vírus, diferentemente do que se poderia supor, sobretudo quando o Brasil tem sido considerado pela comunidade internacional como um dos países bem sucedidos no combate à epidemia, vemos emergir uma conjuntura epidemiológica que recai sua força sobre a população de 15 a 25 anos, dentre os mais infectados pelo vírus (BRASIL, 2016; 2017). Ao lado desse dado, a sífilis também figura no quadro das epidemias que emergem ao longo desta quarta década<sup>9</sup>. Cabe ressaltar que um estudo recente publicado por Kerr et al. (2018), ratifica a progressão no aumento de novos casos entre jovens Gays e HSH<sup>10</sup> no Brasil, sendo o Pará, o quarto estado com maiores índices de aumento da infecção.

A produção de significados estabelecida nesses mais de trinta anos certamente saturaram não apenas alguns entendimentos sobre a existência das IST/aids, como tem sustentado modos de vida, desenhando a conjuntura atual, suas problemáticas e linhas de fuga. Nesse sentido, processos de entextualização (BAUMAN E BRIGGS, 1990), de discursos e textos sobre IST/aids e sexo, tem figurado no estabelecimento de certas

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.aids.gov.br/publicacao/2016/boletim-epidemiologico-de-sifilis> Acesso: 05.12.16.

<sup>10</sup> HSH – Homens que fazem sexo com homens.

verdades, muitas delas opressoras na construção dos sujeitos do cuidado à saúde sexual no interior da Amazônia Oriental.

Conforme esclarecem Bauman e Briggs (1990, p.206), a entextualização

é o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção lingüística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nesta perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização. Entextualização pode muito bem incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso consigo.

Esse processo de transporte dos textos de um contexto a outro, dinamiza e desestabiliza a produção de significados cristalizados numa dada conjuntura sociohistórica, justamente pelo comparecimento de diferentes posicionamentos interpretativos a cada vez que o texto emerge numa interação. Essa realocização do texto em novas interações, convoca, na enunciação em curso, novos e diferenciados modos de produzir significados sobre ele. Um exemplo para visualizarmos como a entextualização opera de modo relevante nos processos de produção de significados é o que ocorre com o enunciado “cuidado com a tia”, que se tornou o refrão de uma música produzida por jovens no interior da Amazônia Oriental.

Fruto de uma brincadeira, o discurso sobre o HIV/aids tem circulado de modo irreverente na região. Lançada no dia 25 de abril de 2018 na rede social facebook, a música alcançou 1.312 visualizações, sendo compartilhada 27 vezes por outras/os jovens desse contexto. Fragmentos da música são constantemente recuperados e reencenados em performances corpóreo-discursivas nas festas e nos encontros entre amigas/os, garantindo sua circulação.

Esse discurso, longe de ser aleatório, responde, a partir de diferentes trajetórias textuais, a outros discursos que se encruzilham e atualizam entendimentos sobre práticas sexuais, sexualidade e cuidado à saúde sexual. Tia é um apelido para HIV. Esse entendimento que circula no meio LGBTI+, em alguns contextos, é usado como uma abreviação de tia Sidinha, sendo Sidinha, o diminutivo da sigla SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). “Cuidado com a tia”, aponta indexicalmente (WORTHAM, 2001) para a incidência epidêmica e discursiva do HIV/aids no contexto LGBTI+ em diferentes escalas espaço-temporais naquele território, uma vez que a música em questão responde a uma demanda da saúde sexual que se estabelece por quase quatro décadas em torno do HIV/aids.

O processo de entextualização porque passa o enunciado “cuidado com a tia” chega ao contexto contemporâneo com uma significação muito diferenciada do início da epidemia, nos anos 1980, em que a falta de explicação sobre o que era o HIV e as mortes em massa da população (BASTOS et al., 1993), não permitiriam a referência a “tia”, com o tom jocoso e paródico com que é contemporaneamente encenada nesse contexto.

É nessa dinâmica complexa entre dimensões locais e translocais (PENNYCOOK, 2007) que a linguagem opera de modo determinante na produção dos mundos sociais e da própria história. Se com Austin (1962), passamos dos enunciados constatativos ou declarativos para os enunciados performativos, ou seja, enunciados que realizam ações; com a crítica de Derrida (1972) sobre Austin, ampliamos o entendimento do performativo para além das dimensões formais/convencionais, como produtoras das condições de força do ato de fala, colocando no centro desse processo a linguagem em uso.

Citação e iterabilidade na linguagem passam a conceitos fundamentais para pensarmos numa teoria da performatividade em que processos de repetição de discursos geram, ao mesmo tempo, a saturação de certos significados e a produção da diferença. Para Derrida (1972) o nosso sistema linguístico é produzido por repetição, a qual cria uma ideia de estabilidade do significado, entretanto, para além do sistema, a linguagem em uso, em diferentes condições de enunciação, altera tais significados produzindo a diferença. É precisamente isso que fundamenta o conceito da entextualização com que opero nesta reflexão.

Atentar então para esses processos de entextualização podem nos ajudar a compreender como os discursos em circulação são legitimados nas práticas cotidianas, as quais reverberam discursos de instancias institucionais e de poder mais consolidadas. No auxílio a este recurso, destaco ainda o conceito teórico e analítico da indexicalidade que fundamenta um modo de examinar dimensões da linguagem e do discurso em dinâmicas locais, sem dissociá-las de dimensões macrossociais (MELO E MOITA LOPES, 2014). Segundo Bloomaert (2010), baseado em Silverstein (2003), a indexicalidade sinaliza hierarquizações na produção dos significados e valores sociais dimensionando no tempo, no espaço, nos lugares sociais de onde se enuncia, diferentes ordens de indexicalidade. Ao dedicarmos atenção às instancias situadas em que a linguagem opera na produção de significados, se torna possível compreender a dinâmica envolvida na produção de nossos mundos sociais, em dimensões históricas e translocais.

Em auxílio ao exercício analítico-reflexivo preliminar que apresento neste texto, utilizo o conceito de “pistas indexicais” proposta por Wortham (2001), o qual apresenta

uma variedade de modos de interpretar recursos discursivos utilizados na produção de significados. Embora não aprofunde o exame dessas categorias neste momento, considero relevante o uso da metalinguagem devido sua implicação nos processos de indexicalidade produzidos na interação.

É orientado por essa visada performativa da linguagem que o estudo tem se dedicado a reflexão sobre a socioconstrução do mundo social da saúde sexual LGBTI+ no interior da Amazônia Oriental, com base nos processos indexicais e de entextualização. Discursos e práticas do cuidado à saúde sexual configuram assimetrias de natureza histórica, cultural, tecnológica e política, inclusive quando atentamos para as diferenças e complexidades entre regiões brasileiras, o que têm gerado grave sofrimento humano sobre populações mais pobres ou dissidentes. No caso Amazônia, é válido ressaltar que embora casos isolados provenientes de outras regiões tenham sido identificados já em meados dos anos 80, a epidemia do HIV/aids atinge a região quando “não só as políticas públicas de aids já estavam consolidadas, como o direito à saúde já estava consagrado pela Constituição de 1988” (TEODORUSCO E TEIXEIRA, 2015, p.20), o que nos convida ao exame dessa realidade contemporaneamente.

### **Práticas discursivas no interior da Amazônia Oriental: exercitando reflexividades**

Somado a essa realidade social da saúde na Amazônia, uma série de discursos tem circulado, produzindo nos invisíveis cotidianos espaços de opressão. Conforme tenho constado no decorrer da investigação etnográfica, atualmente pais e mães de família ainda sentenciam seus filhos quando estes assumem a sexualidade dissidente, alguns estabelecendo a relação direta entre homossexualidade e aids (SENA, 2017). Dentre diferentes relatos, destaco inicialmente o de Anderson<sup>11</sup>, quando assumiu a sexualidade para a família:

*...meu pai me falou, que a partir daquele momento era pra eu separar meu copo, meu prato, minha colher, porque a partir daquele dia eu tavaaa todo mundo ali tava sujeito a pegar alguma doença por causa de mim.*<sup>12</sup>

Esse tipo de entendimento preconceituoso entextualiza discursos do início da descoberta da epidemia, quando pouco ou nada se sabia sobre as causas e efeitos do vírus

<sup>11</sup> Anderson, João, Hugo, Caio, André são nomes fictícios adotados para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

<sup>12</sup> Os relatos e narrativas apresentados a partir deste momento do texto foram reunidos em entrevistas realizadas respectivamente em: junho de 2018, junho de 2016, junho de 2018 e janeiro de 2018.

(TREICHLER, 1986). A viagem desse texto, que contextualiza a fala de Anderson, também se alinha a uma diversidade de discursos moralistas que contornam as vidas LGBTI+, seja em posicionamentos declarados ou nos silêncios produzidos pela igreja, pela família, pela escola e pelo estado quando não trazem para suas agendas ações que atendam às necessidades dessas populações dissidentes. Além da produção da abjeção e culpabilização sobre modos de vida LGBTI+ que emergem na narrativa de Anderson, a aversão à pessoas soropositivas é recuperada pelas pistas indexicais “separar meu copo”, “meu prato”, “minha colher”, contextualizando, assim, modos de entendimento do cuidado à saúde sexual.

Com base nas notas de campo e entrevistas realizadas, apenas dois sujeitos indicaram, por exemplo, ações da escola com o tema da sexualidade, mas ainda assim, a abordagem sempre estava voltada ao domínio heterossexual, com foco preponderante sobre a gravidez. Uma das consequências dessa desassistência aos sujeitos LGBTI+ emerge nos entendimentos estereotipados sobre a Aids e outras IST, presentes nos discursos dos sujeitos na região, como, no relato de João:

*eu achava que era muito estereotipado, eu achava que tinha cara mesmo. Achava que... enfim que eu ia saber porque se a pessoa fosse muito magra, ou sei lá, se tivesse uma aparência, que os filmes dos anos 1990 mostraram né, eu achava que aquilo ainda era assim, então acho que por isso, rolava menos preocupação ainda. Não existia uma preocupação de... ah será que pode acontecer, aquele pensamento clássico de nunca vai acontecer comigo.*

O relato acima foi gerado em um momento de interação com um sujeito soropositivo do território em foco nesta pesquisa, ao ser questionado sobre como era seu entendimento sobre a aids antes de ter sido infectado, em 2015, aos 19 anos. Com base nas pistas indexicais “muito estereotipado”, “cara”, “muito magra”, e “aparência” João mobiliza reflexivamente um conjunto de entendimentos sobre a imagem social e física de um sujeito soropositivo. Essa imagem foi massivamente evidenciada na mídia brasileira nos anos de 1980 e 1990 (BRASIL, 2014), e produziu um discurso cristalizado dessa compreensão, e que reverbera até os dias atuais. É possível afirmar que esse entendimento de João foi entextualizado desse significado cristalizado, partindo de suas experiências sociais sobre o tema.

Há também nesse pequeno relato, a mobilização de um discurso recorrente no senso comum que agencia entendimentos para determinados corpos que podem ser lidos como saudáveis ou como doentes, o que leva também a certos limites autorizatórios sobre

com quem posso ou não me submeter a situações de vulnerabilidade (AYRES, PAIVA E FRANÇA JR., 2012) em práticas sexuais eventuais, entendimento reforçado por João em outros momentos de interação e repetido em outros relatos de diferentes sujeitos envolvidos na pesquisa. João entextualiza, ainda, um discurso muito recorrente no senso comum, “nunca vai acontecer comigo”, e que também comparece nos relatos de outros sujeitos envolvidos no estudo.

Muitos dos entendimentos em circulação sobre “fazer sexo”, como sexualidade e saúde sexual, não são problematizados por essas/es jovens, os condicionando a um *a priori*, produzido pelos significados em circulação na mídia, na família, na igreja ou na escola, ou na ausência desses significados e entendimentos em suas vidas.

A circulação dos textos em diferentes processos de entextualização nos ajudam, desse modo, a perceber as filigranas dessas práticas de vida produzidas na linguagem. Conforme argumentam Guimarães e Lopes (2017, p.16), “O texto aqui é remodelado, renarrado, reenquadrado e a entextualização torna-se a própria viagem textual”. Atentar ao que esses discursos produzidos entre os jovens constrói em termos de convivência e modos de vida, nos ajuda a problematizar o estabelecimento da conjuntura atual, a partir de uma escuta responsável sobre suas vidas.

Imerso nessa aposta (auto)etnográfica, recupero, pontualmente, minha experiência de contágio clínico e afetiva no cenário da conjuntura atual do cuidado à saúde sexual no interior da Amazônia Oriental. Decorrente de uma relação sexual sem preservativo em junho de 2016, o contágio por uma IST não diagnosticável pelo exame sanguíneo rápido, funcionou como um dispositivo que acionou minha atenção dentro do meu mundo social LGBTI+. A ida ao Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA, doravante) da região onde realizo a pesquisa, apontava já em 2016 a presença de certos entendimentos moralistas, mesmo dentro do CTA, conforme trago do caderno de campo:

*Foi assim que em um desses dias, entrou em cena uma mulher jovem, a procura do exame. Chegada sua vez para ser atendida, ela foi interpelada pela recepcionista, com a pergunta “você está grávida?”. Obtendo a resposta negativa da jovem mulher, a recepcionista repete a pergunta reformulando-a: “você veio fazer o exame, mas não está grávida?”. Os olhares alheios confirmavam que o desconforto era coletivo<sup>13</sup>.*

A existência do questionamento dado, já na primeira abordagem a jovem mulher, aponta indexicalmente para o contexto que a recepcionista tenta projetar àquela situação

<sup>13</sup> Diário de campo, agosto de 2016.

interacional. Entretanto, a não confirmação da resposta esperada desestabiliza a recepcionista, levando-a a produzir uma outra projeção indexical, marcada na reformulação de seu questionamento. A insistência daquela pergunta e a quem estava sendo direcionada fez nascer em mim uma série de questionamentos sobre sexualidade, gênero, cuidado à saúde, sobre “ser” sujeito naquele território da Amazônia Oriental, “ser” sujeito do cuidado à saúde sexual.

Importante nesse investimento reflexivo o caráter indexical (SILVERSTEIN, 2003) desses processos de construção de significados. Ao mesmo tempo que o signo indexical pressupõe seu contexto, devido ao horizonte de expectativas que antecipa uma interpretação do contexto em que vai se engajar, ele produz seu contexto, pois o novo lugar que assume no tempo e no espaço, atualiza seu potencial de significação, como ocorreu com o questionamento da recepcionista.

A emergência dessa dimensão da realidade me contagiou da necessidade de investir na estudo e debate sobre vidas dissidentes e seu lugar social no âmbito do cuidado à saúde sexual no território do qual faço parte. Esse tipo de avaliação projetado pela recepcionista compõe os discursos sobre a insegurança da maioria dos jovens não irem ao CTA fazer exames preventivos, tendo em vista o medo de serem vistos entrando na instituição. Conforme vários relatos sobre essa mesma realidade, destaco o de Anderson: “Porque aqui na cidade se alguém tiver entrando no CTA é por tá indo pra lá tomar o remédio.” (...) “Ah eu vi fulano entrando pela segunda vez lá, ele tá se cuidando”.

É nesse cenário, descrito brevemente, que o medo de ir ao CTA local impulsiona muitos jovens a não realizar exames ou a procurar auxílios em outros lugares, nem sempre adequados às suas demandas. Foi assim que um dos sujeitos envolvido em uma relação sexual sem preservativo, situação narrada em entrevista realizada em junho de 2018, preferiu procurar ajuda em uma farmácia, a ter que ir ao CTA. Após ter contato sexual sem penetração, com outro homem, mas com contato entre pênis, nádegas e ânus, Hugo percebeu já no dia seguinte o aparecimento de rachaduras que provocavam coceira na região próxima ao ânus: “... eu não cheguei a fazer nenhum tipo de exame pra saber o que era aquilo (...) eu tentei identificar por meio de pesquisa na internet... até porque eu fiquei com horror assim de comunicar pros meus pais que isso aconteceu, ou ter que fazer algum tipo de exame e meus pais ficarem sabendo”.

Além do medo de ser visto entrando no CTA, a preocupação e dificuldade de dialogar com os pais, e a falta de orientação, são reveladoras das condições em que esses jovens se encontram quando se veem envolvidos nesse tipo de experiência. Na base dessa

prática, entendimentos orientadores que perpassam a moralidade e a sensação de desamparo, promovem a vulnerabilidade dessa população. A repetição de certos entendimentos presentes nesses relatos vão aos poucos adensando significados mais estáveis sobre esse mundo social da saúde sexual LGBTI+ no interior desse território.

São muitos os textos/discursos que circulam produzindo o mundo social das práticas sexuais e do cuidado à saúde sexual do território em foco nesta investigação. Para finalizar essa breve reflexão, gostaria de destacar um trecho da entrevista com Caio, que ao relatar sobre uma situação vivida com a retirada do preservativo durante o ato sexual, produz importantes reflexividades metapragmáticas (PINTO, 2015) que animam nossa reflexão sobre a heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2003[1990]) e o nosso lugar como sujeitos da saúde sexual, no caso, sujeitos LGBTI+:

*...porque a cidade não é tão grande, né, muitas pessoas se conhecem. Então ele não queria ser reconhecido. Mas ele não quer ser reconhecido por estar fazendo exame de HIV? Né, de uma doença sexualmente transmissível, ou ele não queria ser reconhecido porque ele tava com uma gay? Quer dizer que nesse momento a minha condição sexual, né, é menos, e menos do que (inaud.) é uma coisa que não merece atenção. A imagem dele como heterossexual, é muito mais importante do que, do que a minha saúde sexual.*

A narrativa e entendimentos projetados por Caio, com base na experiência vivida, da qual também fiz parte, pode ser lida a partir de toda a negociação vivida no campo, antes de nos engajarmos efetivamente no ato sexual. André, até admitir que gostaria de transar conosco, estabeleceu uma série de regras sobre como seu corpo poderia ser tocado: não poderia haver beijo na boca e não poderíamos tocar em suas nádegas. A atitude de André, ao se colocar no direito de impor exigências sobre nós, gays, para a realização do ato sexual, contextualiza a interpretação de Caio, em que a preocupação com a “a imagem dele como heterossexual” aponta indexicalmente sobre o peso dessa demanda no mundo social do qual fazemos parte, com consequências graves sobre corpos e vidas LGBTI+.

### **Considerações provisórias sobre significar e fazer mundos sociais**

É possível afirmar que uma história do cuidado à saúde sexual LGBTI+ no interior da Amazônia vai sendo construída com base na convivências dessas experiências e na comunicação e produção discursiva desse mundo social. Nesse sentido, entextualização e indexicalidade tem sido instrumentos teórico-analíticos fundamentais na reflexão sobre como a linguagem opera na construção desse mundo social. Significados produzidos localmente nos ajudam na interpretação de como demandas mais amplas e históricas

passam a produzir condições de sofrimento para sujeitos desassistidos em suas necessidades essenciais como da saúde sexual de modo amplo, e da prevenção às IST de modo específico.

Além disso, os processos de produção de significados e contextos com base na dimensão performativa da linguagem (BUTLER, 2003[1990]) evidencia como populações dissidentes têm acessado e garantido direitos no âmbito da educação e saúde sexual. As performances discursivas, como demandas das relações de poder em esferas mais amplas, seja nas ações do estado, da escola ou saúde pública, reverberam e produzem as condições de vida desses sujeitos. Desse modo, processos de entextualização sustentam a circulação de discursos e valores sociais presentes nessas experiências e são reveladoras das assimetrias e modos de produzir tal mundo social.

Certamente as reflexões desenvolvidas neste texto são parciais e provisórias, embora já perspectivem as demandas dos jovens LGBTI+ sobre práticas sexuais e do cuidado à saúde sexual. Diante desse breve quadro, ratifico a relevância e aposta na estratégia teórico-metodológica de proceder a uma (auto)etnografia engajada, tendo como domínio orientador as práticas discursivas numa perspectiva indisciplinar.

### Referências

- AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, [1962]1990.
- AYRES, PAIVA E FRANÇA JR. Conceitos e Práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In: AYRES, PAIVA E BUCHALLA (Org.). *Vulnerabilidade e direitos humanos - prevenção e promoção da saúde: da doença a cidadania*. Curitiba: Juruá Editora, 2012, p.71-94.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos (SP): Pedro e João Editores, 2010[1920].
- BASTOS, Et al. E. The Hidden Face of AIDS in Brazil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 9 (1): 90-96, jan/mar, 1993.
- BAUMAN, Richard & BRIGGS, Charles. Poetics and Performance as critical perspective on language and social life. *American of Antropology*, 1990 p.59-88.
- BIEHL, João. Antropologia no campo da saúde global. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 257-296, jan./jun. 2011.
- BLOMMAERT, Jan. *Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento Nacional de DST/Aids e Hepatites Virais. *A mídia brasileira enfocando os jovens como atores centrais na prevenção de DST/Aids e hepatites virais: relatório final*. Brasília:MS, 2014.
- BRASIL - Ministério da Saúde. *Boletim epidemiológico HIV/Aids: Junho-dezembro/2015 a janeiro-junho/2016*. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2016.
- BRASIL - Ministério da Saúde. *Boletim epidemiológico HIV/Aids: Junho-dezembro/2016 a janeiro-junho/2017*. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2017.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003[1990].
- CORRÊA, M. e CASSIER, M. *Aids e Saúde Pública: contribuições a reflexão sobre uma nova política do medicamento no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Campinas – SP: Papyrus, [1972]1991.
- EMERSON, Robert M.; FRETZ, Rachel I.; SHAW, Linda L. *Write Ethnographic Fieldnotes*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- FERRAZ, D. e PAIVA, V. Sexo, direitos humanos e AIDS: uma análise das novas tecnologias de prevenção do HIV no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. Set. 2015. n.18.v.1 p.89-103.
- FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GUIMARÃES, Thayse e LOPES, Luiz Paulo da Moita. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: Entextualização, indexicalidade, Performances identitárias e etnografia. *Alfa*, São Paulo, V.61N.1; p.11-33, 2017.
- KERR, et al. HIV prevalence among men who have sex with men in Brazil: results of the 2nd national survey using respondent-driven sampling. *Medicine*. 2018, S9-S15.
- MELO, G. e MOITA LOPES, L. P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. *Linguagem em (Dis)curso* – Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p.653 - 673, set./dez. 2014.
- MOITA LOPES, L. P. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola Editorial: São Paulo, 2006.

PAIVA, Vera. “Analisando cenas e sexualidades: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos”. In: Cáceres, Careaga, Frasca, Pecheny (org). *Sexualidad, estigma y derechos humanos*. Desafíos para el acceso a la salud en América Latina”. Lima, FASPA/UPCH. 1ª edición, Septiembre 2006, p.23-52.

PAIVA, V. et al. The current state of play of research on the social, political and legal dimensions of HIV. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 31(3):477-486, mar, 2015.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PINTO, Joana Plaza. De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na linguística aplicada. *D.E.L.T.A.*, v. 31, p. 199-221, 2015. Edição especial.

SANTOS, Camila e BIANCALANA, Gisela. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. *Revista Aspas*. Vol. 7. n. 2. 2017, p.83-93.

SENA, José. Apontamentos microanalíticos sobre a produção de subjetividades: entendimentos sobre sexualidades e HIV. In: VIII ABEH, 2016, Juiz de Fora. *Estudos sobre a diversidade Sexual e de Gênero*. Juiz de Fora: UFJF, 2017, p. 1075-1082.

SENA FILHO, José. Masculinidades e Práticas Sexuais na Amazônia Oriental: notas de campo com base em uma experiência etnográfica. In: CAETANO, Marcio e MELGAÇO, Paulo (Org.). *De Guri a Cabra Macho: masculinidades no Brasil*. Lamparina: Rio de Janeiro, 2018, p.107-125.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. *Language & communication*, University of Chicago, n.23, p.193-229, 2003.

TEODORESCU, Lindinalva; e TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da aids no Brasil: as respostas governamentais à epidemia de aids*. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

TREICHLER, Paula A. 'AIDS, homophobia and biomedical discourse: An epidemic of signification', *Cultural Studies*, v.1, n.3, 1987, p.263 – 305.

WORTHAM, S. *Narratives in action*. New York: Teacher College Press, 2001.

Artigo recebido em: 20/09/18  
 Artigo aceito em: 22/10/2018